

Reforma causa transtornos em hospital

Paulo de Araújo



Valdinéia Souza Santana teve que esperar ontem no corredor com o filho recém-nascido até um dos leitos do Hospital da Ceilândia ser liberado

Na Ceilândia, partos estão sendo feitos na enfermaria e mães de quatro bebês nascidos ontem esperaram vaga no corredor

Valesca Riviéri
Da equipe do Correio

Infiltrações, vazamentos, ferrugem, mofo, paredes descascadas. Essa é a situação do centro obstétrico do Hospital Regional da Ceilândia (HRC), que começou a ser reformado ontem. Além da pintura e da reforma nos setores hidráulicos e elétricos, o centro vai ser redividido para isolar a área onde são realizados em média 30 partos por dia. Essa medida vai proporcionar mais segurança aos pacientes e evitar o risco dos recém-nascidos contraírem infecção hospitalar, mas está causando transtornos às mulheres que chegam ao HRC para ter filhos.

“A gestante que estiver em trabalho de parto pode vir para cá. Mas se tiver outra alternativa, é melhor procurar outro hospital”, avisa o coordenador regional Romualdo Silveira Filho.

Apesar do número de mesas para partos normal e salas de cesariana não ter diminuído, os leitos da enfermaria onde ficam as pacientes pós-parto foram reduzidos de 43 para 28 por causa da reforma. Com essa redução, quatro pacientes que tiveram filhos ontem estavam no corredor aguardando um leito. “Já teve época que cheguei aqui e estavam no corredor até sete pacientes que tinham ganho neném. Agora com essa redução, vai ser mais difícil”, avalia a enfermeira Helena Amaral. Cada leito é ocupado por 24 horas, o tempo que as mães precisam para ser liberadas.

Mal acabou de nascer, Daniel já enfrentava fila com a mãe Valdinéia Sousa Santana, 25. Apressado, ele nasceu às 4h da manhã de ontem dentro de um Voyage, quando estava a caminho do hospital. O herói do parto foi o pai Luiz Alves.

CIRURGIAS

Outro problema causado pela reforma é a suspensão de marcação de qualquer cirurgia com antecedência. “As cesarianas vão ser realizadas em duas salas do centro cirúrgico. Por isso, só serão feitas as cirurgias de emergência”, expli-

ca o vice-diretor do hospital, José Domingues Júnior. Segundo ele, os partos complicados de outras cidades, como Brazlândia, que eram transferidos para o HRC, vão ser repassados para o Hospital de Taguatinga.

MUDANÇA

A mudança do centro obstétrico para uma parte da área da enfermaria foi feita ontem pela manhã. “Ainda bem que não teve nenhum parto normal”, avalia Maria Soneide, chefe da Enfermagem. Os partos de cesariana foram realizados normalmente no centro cirúrgico, que cedeu duas de suas quatro salas.

Aguardando a chegada da filha Geovane, a gestante Aparecida do Reis, 35, foi removida para a nova área do centro. Por ter problemas de hipertensão, a gravidez dela é considerada de alto risco. Apesar do transtorno da mudança, ela estava segura. “A gente sempre tem que pensar que existe Deus por perto”, acredita.

Desconfiada de que estava na hora de ter o filho Wilker, Elizabeth de Fátima Nonato, 18, foi para o HRC sentindo dores ontem pela manhã. “Uma paciente me falou que se eu não estivesse sentindo muita dor era para procurar outro hospital”, afirma. “A própria comunidade se encarrega de avisar um aos outros sobre a reforma”, explica a assessora de imprensa Regina Célia Medeiros. Segundo ela, Elizabeth pôde ficar até a tarde aguardando a hora de ter o bebê porque os leitos do centro obstétrico não estavam lotados.

A chefe da Enfermagem acredita que todas as gestantes poderão ser atendidas. “A gente sempre atendeu no corredor. A seleção das mães que vão ganhar neném vai ser natural. Aquela que estiver com mais contrações vai sendo atendida primeiro”, justifica.

Ela torce para que as obras durem mesmo só 30 dias, como está previsto. Trabalhando há dez anos no centro, Maria Soneide afirma que o local nunca tinha sido reformado. “Sempre era feita uma maquiagem, uma pintura para esconder a infiltração”, recorda.